

## APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

# “ÁFRICAS: INSTIGANDO O PENSAR COMPLEXO”

**Priscila Henriques Lima<sup>1</sup>**

Doutoranda em História pelo PPGH/UERJ

E o olhar da História muda sua perspectiva. Uma afirmativa que hoje tornou-se basilar para boa parte dos historiadores, não era tão comum em meados da década de 1960. Entretanto, as independências das colônias europeias, o movimento negro e sua luta pelo fim da segregação racial nos Estados Unidos, assim como os movimentos feministas que ganharam fôlego neste período, passaram a ocupar também o papel de protagonismo nas análises históricas. Robert Slenes no artigo “A importância da África para as ciências humanas” nos diz que o modelo ocidental deixou de ser o paradigma para se pensar a história do “restante da humanidade”.<sup>2</sup> Com isso temos uma mudança no fazer historiográfico, com a utilização de novas fontes, novos conceitos e novas construções de narrativa, abordagens essas que não partem do eixo do Norte, mas enfatizando principalmente o olhar do que veio a ser chamado Sul Global – a partir das experiências da África, Ásia e América Latina.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História pelo PPGH/UERJ sob a orientação do Prof. Dr. Washington Nascimento. Pesquisadora do Grupo Interinstitucional Áfricas (UERJ/UFRJ) e do Laboratório de Estudos Africanos – LEÁFRICA/UFRJ. Bolsista pela Faperj. Ensaio desenvolvido como avaliação para disciplina “Seminário Especial em Experiências e Conexões Culturais - Interpretações, perspectivas teóricas e conceitos em torno da História da África” (PPGH/PUC-RJ), ministrada pela Profa. Dra. Regiane Augusto de Mattos.

<sup>2</sup> SLENES, Robert W. **A importância da África para as Ciências Humanas**. In: Seminário “Respostas ao racismo: produção acadêmica e compromisso político em tempos de ações afirmativas”. Campinas: IFCH/Unicamp, 3 de dezembro de 2009, p. 20.

<sup>3</sup> Apesar de ter ganhado notoriedade a partir da década de 60, as trocas intelectuais entre africanos, asiáticos e americanos de origem africana sobre colonialismo e racismo remontam ao século XIX, como também intelectuais dessas regiões dialogaram sobre os limites das ideologias

Como consequência das críticas levantadas sob o paradigma do Norte Global, surgem abordagens alternativas que visam ampliar as possibilidades de olhar e analisar o mundo através dos saberes do Sul Global, um conceito que não está necessariamente ligado a geografia, mas que se apresenta como uma "metáfora do sofrimento humano causado pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado, e da resistência a essas formas de opressão".<sup>4</sup> A partir dessa resistência, surge nesta nova seara a proposta de uma "Epistemologia do Sul", pensada por Boaventura de Sousa Santos e que tem como ponto fundamental substituir a monocultura do saber ocidental pela ideia da ecologia dos saberes, que nega a hierarquização do conhecimento bem como a dicotomia de tradição x modernidade, fazendo oposição ao universalismo e enfatizando a "pluralidade de explorações universais alternativas, parciais e competitivas, todas elas ancoradas em contextos particulares".<sup>5</sup>

As epistemologias do Sul Global movimentaram a produção de conhecimento, tirando a historiografia de sua zona de conforto com a inserção de análise de múltiplas conexões e fluxos, considerando os papéis dos atores, dos lugares e dos processos dessas regiões, e invertendo o sentido; não basta analisar tais espaços dentro do aspecto global, mas perceber *como* o global é afetado por eles.

Voltando nosso olhar para os estudos africanos, ao nos debruçarmos sobre este continente, a produção historiográfica muda diante das exigências de ferramentas adequadas que considerassem as especificidades locais, propondo o enfoque da translocalidade, que critica a construção de uma história nacional como espaço de fortalecimento do poder hegemônico, visto que essas regiões desenvolveram os chamados Estados-Nação no século XX, sendo comunidades nacionais "imaginadas", diferente da forma como o termo foi pensado dentro da prática europeia. Assim, o termo transnacionalismo pode ser problemático, pois

---

anticoloniais e do nacionalismo, principalmente a partir dos teóricos da dependência latino-americanos como mencionado por Frederick Cooper no texto "Conflito e conexão: repensar a história colonial africana". COOPER, Frederick. "**Conflito e conexão: repensar a história colonial africana**" in História da África: capitalismo, modernidade e globalização. Lisboa: Edições 70, 2016, p. 71.

<sup>4</sup> ARAÚJO, Sara; BAUMGARTEN, Maíra; SANTOS, Boaventura de Sousa. **As Epistemologias do Sul num mundo fora do mapa**. Sociologias, Porto Alegre, ano 18, nº 43, set/dez 2016, p. 16.

<sup>5</sup> Idem, p. 17.

além de pressupor a existência de Estados-nação ainda privilegia a perspectiva das elites nacionais.<sup>6</sup>

Uma abordagem translocal pode analisar desde conexões e fluxos de pessoas e bens, como também processos de troca e transferência cultural. Pode abordar conceitos e normas de gênero entre contextos locais e discursos globais, bem como situa atores sociais em redes translocais, assim como em diferentes contextos que eles operam e, por fim, pode analisar a institucionalização de estruturas culturais, sociais e políticas que são resultados das práticas translocais. Esses são alguns aspectos que a translocalidade pode colaborar, demonstrando que não há espaços delimitados e fixos, pois a localidade é produzida social e culturalmente, para além de fronteiras, com a circulação de bens, valores e discursos.

Apresentamos então a importância desse dossiê "*Áfricas: instigando o pensar complexo*": pensar a história do continente africano de maneira a contribuir diretamente para a prática de uma educação antirracista - movimento democrático e emergencial diante do cenário governamental fascista que vivenciamos nos últimos anos no Brasil.

São artigos de pesquisadores do Brasil, Angola e Moçambique, que nos apresentam visões plurais e interdisciplinares sobre seus temas, abordando contextos educacionais em tempos de lutas de libertação na Guiné-Bissau, práticas de ensino sobre a África por uma perspectiva decolonial, além de análises comparativas tendo como objeto de estudos o cinema angolano e a compreensão de uma identidade nacional. Ainda apresentamos uma discussão acerca do estado de exceção imposto pela colonização portuguesa e a interpretação do conceito de necropolítica aplicado a essa prática. E, no tempo presente, duas discussões sobre movimentos civis e processos de redemocratização em Angola e Moçambique – o primeiro analisando o grupo ativista angolano "15+2" e o segundo sobre os impactos da mídia moçambicana na intimidação de analistas políticos.

---

<sup>6</sup> FREITAG, Ulrike; VON OPPEN, Achim (Ed.). **Translocality: An Approach to Connection and Transfer in Area Studies**. Brill, 2010. In: Idem, *Translocality: the study of globalising processes from a southern perspective*. Brill, 2009, p. 7.

Os estudos sobre o Sul Global – África, Ásia e América – marcaram profundamente a formação teórica e metodológica das ciências humanas no século XX. Colocou em xeque a visão universalizante que insiste em ter como paradigma o Norte Global, gerando uma profunda crise sobre as disciplinas das humanidades, “crise caracterizada por uma crescente percepção de fragmentação teórica e metodológica no campo da pesquisa e uma descrença na possibilidade de se construir uma história universal”.<sup>7</sup> Novas fontes, novos métodos, a interdisciplinaridade, os estudos sobre a tradição oral e sobre arqueologia linguística e a concentração de esforços na mudança do protagonismo histórico, dando voz as pessoas comuns – são fatores que contribuíram para a reestruturação das ciências humanas.

Esperamos que esse dossiê possa alcançar a finalidade para a qual ele foi pensado: instigar o pensar sobre o continente africano a partir de sua potencialidade e singularidades e de maneira interdisciplinar. Que ele possa colaborar na transformação de como o conhecimento é produzido, atuando diretamente no processo de criação de uma epistemologia cada vez mais democrática.

### Referências

- ARAÚJO, Sara; BAUMGARTEN, Maíra; SANTOS, Boaventura de Sousa. **As Epistemologias do Sul num mundo fora do mapa**. Sociologias, Porto Alegre, ano 18, nº 43, set/dez 2016.
- BARROS, José D’Assunção. **Histórias interconectadas, histórias cruzadas, abordagens transnacionais e outras histórias**. Secuencia [online]. 2019, n.103, e1528. Epub Jan 01, 2019.
- COOPER, Frederick. **História da África: capitalismo, modernidade e globalização**. Lisboa: Edições 70, 2016.
- FREITAG, Ulrike; VON OPPEN, Achim (Ed.). **Translocality: An Approach to Connection and Transfer in Area Studies**. Brill, 2010. In: Idem, *Translocality: the study of globalising processes from a southern perspective*. Brill, 2009.
- MUDIMBE, Velentin-Yves. **A invenção da África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento**. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

---

<sup>7</sup> SLENES, Robert W. **A importância da África para as Ciências Humanas**. In: Seminário “Respostas ao racismo: produção acadêmica e compromisso político em tempos de ações afirmativas”. Campinas: IFCH/Unicamp, 3 de dezembro de 2009, p. 22.

SLENES, Robert W. **A importância da África para as Ciências Humanas**. In: Seminário "Respostas ao racismo: produção acadêmica e compromisso político em tempos de ações afirmativas". Campinas: IFCH/Unicamp, 3 de dezembro de 2009.